

Ciência da Religião: uma disciplina*

*Maurílio Ribeiro da Silva***

*Flávio Senra****

Resumo

O presente artigo apresenta uma breve historiografia das transformações pelas quais passou a sociedade e a cultura europeias, pontuando os eventos que favoreceram a constituição da ciência da religião como disciplina autônoma. Descreve, ademais, um sucinto inventário de parte da produção acadêmica que forneceu material de pesquisa sobre religiões no século que antecedeu a criação da nova ciência. Por fim, o artigo desenvolve as contribuições metodológicas, a partir dos autores clássicos, para a institucionalização da ciência da religião.

Palavras-chave: Ciências da Religião. Epistemologia das Ciências da Religião. Religiografia. Disciplina. Religião

Science of Religion: a discipline

Abstract

The present article presents a brief historiography of the transformations that European society and culture went through, pointing out the events that promoted the constitution of the science of religion as an autonomous discipline. It also describes a succinct inventory of part of the academic production that provided research material on religions in the century preceding the creation of the new science. Finally, the article develops the methodological contributions, based on classical authors, to the institutionalization of the science of religion.

Keywords: Religious studies. Theory and method in religious studies. Religiography. Discipline. Religion.

* Declaração dos coautores: Este artigo teve a sua primeira versão elaborada pelo primeiro coautor, sendo o presente trabalho parte integrante de sua tese doutoral no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. O segundo coautor contribuiu com a redação da versão final e na revisão crítica do artigo.

** Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas. Bolsista CAPES. <https://orcid.org/0000-0002-3673-5215> . sgmaurilio@gmail.com .

*** Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid. Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq. Docente do Depto. de Ciências da Religião da PUC Minas. <http://orcid.org/0000-0001-7676-9850> . URL <http://www.pucminas.br/ppgcr> . flaviosenra@pucminas.br

Ciencias de la religión: una disciplina

Resumen

El presente artículo presenta una breve historiografía de las transformaciones que experimentaron la sociedad y la cultura europeas, señalando los acontecimientos que favorecieron la constitución de la ciencia de la religión como disciplina autónoma. También describe un breve inventario de parte de la producción académica que proporcionó material de investigación sobre las religiones en el siglo anterior a la creación de la nueva ciencia. Por último, el artículo desarrolla las aportaciones metodológicas, de autores clásicos, a la institucionalización de la ciencia de la religión. **Palabras clave:** Ciencias de la religión. Epistemología de la religión. Religiofografía. Disciplina. Religión.

Introdução

O processo de institucionalização da disciplina ciência da religião¹ percorreu um longo caminho até a sua consolidação na Europa do século dezenove. Reconhecer tal processo para os tempos atuais se faz necessário, pois nenhuma disciplina se consolida sem revisar continuamente o seu percurso intelectual, questionar perspectivas de abordagem e propor continuamente novos caminhos. Até mesmo uma crítica descolonizadora dependerá desse reconhecimento para avançar em sua crítica.² A construção do perfil teórico-metodológico da disciplina é um processo sempre aberto e criativo. No entanto, não há criação sem reconhecimento do lastro desse empreendimento acadêmico. Estamos cada vez mais convencidos de que não haverá significativo avanço no processo de consolidação da disciplina ciência da religião em nosso país enquanto persistir certa recusa do reconhecimento do seu percurso intelectual. Não desconsideramos, por força da nossa compreensão da interdisciplinaridade constitutiva da ciência da religião, as referências, teorias e métodos de outras disciplinas dedicadas ao estudo da religião. Contudo, a afirmação da disciplina ciência da religião como disciplina autônoma, requer que as suas pesquisadoras e os pesquisadores não renunciem à tarefa de construção de um saber que tem

¹ Os leitores e as leitoras poderão estranhar o uso do termo no singular. Ocorre que a disciplina *Religionswissenschaft* foi acolhida no Brasil como Ciências da Religião. Comumente, utilizamos essa nomenclatura majoritária em nossos escritos. Porém, em se tratando de uma reflexão que se assenta sobre os textos clássicos da disciplina na Europa da segunda metade do século XIX, optamos por manter o termo no singular. Esse debate de fundo não é irrelevante nem simples. Contudo, não entraremos aqui nos meandros dessa questão.

² Cf. Borges; Senra (2020).

especificidades teórico-metodológicas e que tem história. Por essas razões compartilhamos nesse trabalho uma parte de nossos esforços a guisa de contribuição ao debate em nossa comunidade acadêmica da área Ciências da Religião e Teologia no Brasil.

Por se falar em história, em lastro, em processo, cabe reconhecer a abordagem histórica e filológica da religião, pois aí encontramos o antecedente imediato ao estabelecimento institucional e acadêmico da disciplina na Europa do século XIX. Esse movimento decorre da constatação da necessidade de se estudar as religiões segundo as regras do método científico, bem como de se postular procedimentos metodológicos específicos para a análise comparativa, fenomenológica e histórica das crenças e práticas religiosas.

A extensa história dos estudos das religiões foi constituída de processos que perpassam desde o acúmulo do conhecimento histórico, bélico e estratégico, até questões apologéticas, filosóficas e teológicas (FILORAMO; PRANDI, 1999; USARSKI, 2013). Concordamos com Ries (2019) quando o autor afirma que estabelecer uma gênese dos estudos da religião é, nesse sentido, uma tarefa complexa, pois se trata de um conjunto variado de processos sujeitos às relações sociais, políticas e históricas. Não obstante tamanho desafio, alguns elementos podem ser indicados como importantes referências para a compreensão do processo de consolidação da disciplina.

Questões históricas ligadas ao pensamento iluminista, ao desenvolvimento da modernidade, ao processo de secularização, acompanharam as mudanças trazidas pela revolução científica, pela revolução industrial e, mais recentemente, pelas revoluções tecnológicas como as que vivemos nas contemporâneas sociedades de conhecimento (CORBÍ, 2020). Aquelas mudanças, segundo Rosa (2012b), foram cruciais para a mudança da compreensão humana, social e científica nos últimos séculos. Essas alterações da compreensão humana sobre a realidade abarcaram também as questões ligadas à compreensão da experiência religiosa.

Esse artigo abordará de modo diacrônico, parte do processo histórico que marca a constituição da disciplina ciência da religião. Parte-se da compreensão de que a disciplina é resultante do ambiente formado por tais processos históricos e sociais.

1. Ambiente acadêmico em transformação

Considerar os estudos sobre as religiões nos leva, inevitavelmente, como esclarece Frank Usarski (2013),³ a um processo que deita suas raízes já na antiguidade. Nesse sentido, podemos já perceber um conjunto de dados que nos levam para tempos imemoriais dos registros sobre as tradições de sabedoria dos antigos. Segundo Rosa (2012a), os séculos VI e V AEC foram de grande importância para o cenário religioso mundial, dado que nesse período se deu o surgimento das principais tradições de sabedoria do oriente. Na China, o taoísmo; na Pérsia, o zoroastrismo, na Índia, o budismo e o janaísmo. Trata-se ainda do período em que Confúcio promoveu reformas sociais, políticas, morais e de pensamento na China, ao passo em que, na Mesopotâmia, Egito, Pérsia e Judeia, se operou o fortalecimento das castas sacerdotais. Rosa (2012a) salienta, contudo, que na Grécia, por sua vez, as inquietações humanas geraram um espírito crítico e reflexivo. Aquele ambiente cultural no mundo helênico produziu os primeiros registros críticos sobre as narrativas míticas entre os séculos VI e V AEC. Sábios daquela época foram os primeiros a levantar questões de natureza filosófica a respeito da religião.

Sendo impossível um detalhamento histórico sobre um período tão extenso, destacamos alguns acontecimentos que, mesmo considerada sua complexidade, favoreceram a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento do que entendemos ser a moderna ciência da religião. A nossa disciplina não pode ser concebida sem que seja levado em consideração esse conjunto de eventos que transformaram a vida social, cultural e política da Europa. Aqui destacaremos brevemente, acompanhando Ries (2019), o *renascimento*, a *reforma protestante* e o *iluminismo*,

³ Um levantamento sobre os estudos antigos foi realizado por Frank Usarski (2013). O pesquisador destaca como os historiadores gregos se empenharam na descrição das religiões dos outros povos no período da expansão helenista. No século V AEC, Heródoto descreveu os costumes religiosos do Egito, Babilônia e Pérsia, e, no século IV AEC, Evêmero criou uma das primeiras especulações sobre a origem da religião. Usarski destaca que estudos da religião não ficaram restritos ao contexto ocidental. No oriente, entre os séculos IV e V EC, o chinês Fa-Hien publicou estudos detalhados sobre o budismo na Índia e em outros países. No século VII, Hieun-Tsiang desenvolveu pesquisas e acumulou artefatos e escritos sagrados sobre o budismo na Índia. A partir do século IX autores muçulmanos se destacaram no estudo de outras religiões. Tabari (838-923) estudou a religião persa; Mas'udi (?-956) o judaísmo, cristianismo e as religiões indianas; Al Biruni (973-1050) as crenças e práticas religiosas da Índia e Pérsia; Ibn Hazman (994-1064), o judaísmo e o cristianismo, e o persa Sharastani (1086-1153) escreveu um tratado sobre as religiões conhecidas no período.

sob a influência dos quais prosperou o estudo no campo da linguagem e da história – disciplinas fundamentais para a emergência dos estudos autônomos sobre religião na segunda metade do século XIX. Vejamos, em três momentos, alguns dos indicativos da importância desses eventos para o atendimento dessa nossa proposta⁴.

A partir do final do século XIV, o *renascimento*⁵, que marcou a transição entre o feudalismo e o capitalismo, teve o mérito de desenvolver as alterações que criaram as condições necessárias para o avanço do pensamento científico dos séculos seguintes. Nesse período foram criadas várias universidades na Europa⁶ e novos métodos foram assumidos como a *matematização* da natureza, as visões realistas, e a utilização do método experimental, essenciais na composição do método científico.

Por sua vez, em meados do século XVI, como destaca Latourette (2006), a reforma protestante representou a maior cisão do cristianismo ocidental. A ruptura promovida pela Reforma proporcionou interpretações distintas do cristianismo, o que favoreceu, como defende Almeida (2003), a ampliação da compreensão da religião, o poder governamental, o desenvolvimento da burguesia e a liberdade religiosa.

Além disso, é importante destacar nesse processo que o século XVII viu florescer o período denominado *iluminismo* ou *ilustração*. Nesse período, na perspectiva de Strenger (1998), podemos afirmar que surgiram as condições mais favoráveis para o desenvolvimento das pesquisas científicas, dos modos de pensamento, da compreensão de mundo, do desenvolvimento social, e, portanto, nessa esteira, também das condições para o desenvolvimento dos estudos científicos da religião. O *iluminismo* foi um movimento de

⁴ A leitora e o leitor compreenderão que não é nosso objetivo aprofundar a complexidade desses eventos. O que se pretende, outrossim, é demarcar um conjunto de fatores que contribuíram, de certa forma, para a criação de um ambiente cultural para o surgimento da disciplina Ciência da Religião.

⁵ A *renascença* foi um movimento histórico caracterizado pelo renascimento do pensamento, da redescoberta e da valorização da cultura grega e por um processo evolutivo do conhecimento que favoreceu o desenvolvimento gradual do espírito científico. Veja-se conforme Rosa (2012a).

⁶ Rosa (2012a) relaciona as mais importantes universidades: Paris (1175), Oxford (1220), Montpellier e Salamanca (1222), Pádua (1224), Nápoles (1229), Palermo (1230), Toulouse (1230), Cambridge (1231), Siena (1246), Sorbonne (1253), Lisboa (1290), Roma (1303), Coimbra (1308), Praga (1317), Florença (1349), Cracóvia (1364), Viena (1365), Heidelberg (1386), Saint Andrews em Edimburgo (1410), Louvain (1426), Poitiers (1432), Caen (1436), Bordéus (1441), Valencia (1452), Nantes (1460) Burgos (1463) e Uppsala (1476).

ruptura epistemológica com os valores da chamada *idade média*, marcado pela valorização da atividade intelectual e racional, um movimento que se considerava responsável por libertar a humanidade do obscurantismo e da ignorância através da razão e da difusão do conhecimento científico

Esse ambiente de transformação social, cultural e político impactou fortemente a vida acadêmica europeia. Some-se a isso o desenvolvimento de novas disciplinas e o interesse por culturas não-cristãs, embora marcadas pelo viés do etnocentrismo. Entrementes, relativo ao estudo das religiões, como destaca Rego (2018), uma questão importante em meados do século XVII foi o desenvolvimento da filologia e da arqueologia na Europa, processo alavancado pelo imperialismo colonialista⁷ com foco de interesse nos estudos sobre o orientalismo⁸. As traduções desenvolvidas nesse período, tais como as dos clássicos do confucionismo, dos manuscritos avésticos, dos textos zoroástricos, do *mahavansa*, do *bhagavad purana* e do *dhammapada*, abriram um leque de possibilidades para o estudo das tradições orientais do século XVII ao XIX.

Ries (2019) igualmente destaca o quanto o século XVIII também foi produtivo para os estudos da religião. Foi nesse período que se utilizou pela primeira vez os termos *história da religião* e *ciência da religião*, mesmo não aludindo ainda a uma disciplina autônoma. Descobertas de textos dos vedas, como as do jesuíta Jean Calmette, surgidas entre os anos 1730 e 1732, fomentaram a formação de sociedades de estudos sobre temas asiáticos na Índia, em Paris e em Londres. Um reconhecido marco desse processo, ocorrido em 1757, foi a publicação de *História Natural da Religião*, por

⁷ Como destaca Karina Bellotti, o imperialismo e o colonialismo europeu produziram um imenso acervo de informações sobre as religiões dos povos colonizados. Documentos religiosos, relíquias, papiros, estátuas e inscrições hieroglíficas foram sequestrados pelos colonizadores para as respectivas sedes. Além disso, a expansão colonial colocou em contato as elites europeias e as formas religiosas dos povos considerados por eles, segundo um viés etnocêntrico, como primitivos, sem ciência e sem cultura (BELLOTTI, 2011). Investidas colonialistas, tais como as expedições militares de Napoleão no norte da África, tiveram grande impacto nos estudos da linguística, da história e dos estudos acadêmicos da religião, assim como as investidas britânicas no Oriente Médio, que impactaram os estudos filológicos com o acesso à língua copta, assíria e hitita (SOUZA, 2019). Recomendamos a leitura de Wirth (2013) para uma compreensão sobre a disciplina Ciência da Religião na perspectiva dos estudos pós-coloniais.

⁸ O orientalismo (incluindo aqui também estudos de outros povos não europeus) foi marcado pelos estudos filológicos, antropológicos, arqueológicos, sociológicos e comparativos da religião.

David Hume (2004). A importância da obra para esse processo se dá pelo tratamento das origens e das causas que produzem o fenômeno da religião e dos princípios naturais que originam a crença religiosa. Dessa forma, Hume, não sem razão é considerado entre os pioneiros dos estudos científicos da religião, e sua abordagem é considerada como inaugural para a tradição do tratamento racional da religião.

Compreende-se que esse ambiente cultural e de profundas mudanças no solo acadêmico foram importantes para o surgimento, no século XIX, da disciplina ciência da religião.

2. Estudos acadêmicos da religião

Até aqui temos acompanhado Ries (2019), para quem, tal como destacamos acima, podemos compreender o século XIX como resultante das influências do *renascimento*, da *reforma protestante*, do *iluminismo*. Trata-se de um século marcado pelo espírito de laicidade da revolução francesa, pelas inovações metodológicas da revolução científica, pelas inovações tecnológicas da revolução industrial, pelos efeitos secularizantes⁹ da modernidade e das percepções intelectuais iluministas do século XVIII. Pode-se falar de um período de revoluções “tanto no plano filosófico quanto no plano político – contra os sistemas tradicionais de pensamento, política e economia” (RUSSEL, 2015, p. 281).

Não obstante o avanço no processo de racionalização motivados pela cultura iluminista, o cristianismo permaneceu dominante na Europa. Na esteira do imperialismo e da exploração colonialista, as atividades missionárias levaram a cultura cristã para além das fronteiras do continente. Dessa forma, o “movimento religioso que navegou na expansão colonial teve como retorno um outro movimento religioso, ou seja, a informação sobre a religiosidade dos povos não europeus” (PEREIRA, 2016, p. 265). A aquisição do conhecimento das religiões e da cultura geral de povos considerados arcaicos, aliado ao desenvolvimento intelectual proporcionado pelo *iluminismo*, foi fundamental para os estudos da religião, os quais foram marcados pelas traduções dos livros sagrados orientais; pelo acesso a documentos, livros sagrados, relíquias e artefatos religiosos antigos pelos arqueólogos e pela criação de publicações especializadas nos estudos das tradições orientais.

⁹ Para mais informações sobre o processo de secularização, sugerimos a leitura de Berger (2012); Lepargneur (1971); e Silva (2016a; 2016b).

Outro fator determinante para os estudos da religião no século XIX foi a intensa produção bibliográfica e, ademais, o volume de traduções, conforme levantamento realizado a partir de Hock (2010), Usarski (2006, 2013) e Ries (2019). Elencamos, a partir dessas referências, numa perspectiva cronológica, alguns escritos importantes para a compreensão desse contexto. Ao levantamento desse tipo de informação sobre pesquisas sobre religião, denominamos religiografia. Com esse termo nomeamos, por exemplo, o estado da arte das pesquisas sobre religião. Portanto, vejamos o presente levantamento religiográfico sobre a produção intelectual que favoreceu a consolidação do acervo acadêmico e, por sua vez, a criação e institucionalização da ciência da religião.

Em 1808, Friedrich Schlegel publicou o ensaio *Über die Sprache und Weisheit der Indier* (Sobre a língua e a sabedoria dos indianos).

Na década seguinte, entre 1810 e 1819, Friedrich Creuzer publicou os quatro volumes de *Symbolik und mytologie* (Simbolismo e Mitologia), obra na qual expressou a compreensão da uma origem comum a todas as religiões.

Uma tradução do Corão para o alemão surge em 1819, com Friedrich Rückert. Nesse período, alguns anos depois, em 1822, Jean François Champollion decodificou os hieróglifos egípcios da *Estela de rosetta*.

Na França, Benjamin Constant iniciou, em 1824, a publicação dos cinco volumes intitulados *De la religion considerée dans la source, ses formes et ses développements* (Da religião considerada na fonte, suas formas e desenvolvimentos). Já em 1830, Augusto Comte (1875) publicou o primeiro tomo do *Curso de Filosofia Positiva*. Cabe destacar, nesse particular, que o positivismo influenciou sobremaneira a concepção de ciência no século XIX, inclusive a dos fundadores da ciência da religião.

No campo de estudos gramaticais, em 1833, Franz Bopp (1885) lançou *A comparative grammar of the sanskrit, zend, greek, latin, lithuanian, gothic, german, and slavonic languages* (Uma gramática comparativa das línguas sânscritas, zenda, grega, latina, lituana, gótica, alemã e eslava). Tanto a gramática quanto as palestras de Bopp influenciaram o pensamento e as pesquisas de Max Müller (1901).

Nesse período, Eugène Burnouf traduziu o *Bhagavad Purana* para o francês, e quatro anos depois George Tornour traduziu o *Mahavansa* para o inglês. Em 1847, Henry C. Rawlinson traduziu os caracteres cuneiformes do antigo persa e da antiga língua babilônica descobertos em Behistum, e, em 1849, Max Müller publicou a tradução dos *Veda* em seis volumes (MÜLLER, 1873).

Na virada da segunda metade do século, uma obra traz a defesa de uma matéria acadêmica autônoma no estudo da religião, o que ocorre em 1852, com Théodore Prosper Le Blanc d'Ambonne a publicação *Les religions et leur interprétation chrétienne* (As religiões e sua interpretação cristã).

O *Essay on comparative mythology* (Ensaio sobre mitologia comparada), de Max Müller, surge em 1856. Como destaca Ries (2019), trata-se do primeiro dossiê religioso indo-europeu a tentar uma síntese da *filologia comparada* e da *mitografia romântica*.

Seguem-se as descobertas e, em 1857, H. Rawlinson, E. Hincks e L. Oppert decifraram a escrita cuneiforme e conferem um estatuto à assiriologia. Um ano depois, Ferdinand Stiefelhagem (1822-1902) também apontou, através da publicação de *Theologie des Heidenthums* (Teologia do paganismo), para a necessidade de uma matéria acadêmica própria dos estudos da religião.

Não se pode negligenciar o trabalho de Charles Darwin, que publicou, em 1859, *The origin of species. By means of natural selection* (A origem das espécies: através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência). Nessa obra, o pesquisador afirmou que os seres humanos são resultado de processos evolutivos e não atos da criação divina (DARWIN, 2009). Essa afirmação produziu, através de pesquisas vinculadas à teoria evolucionista, impactos profundos em toda a estrutura científica da época, bem como na história das ciências humanas e nas compreensões teológicas e filosóficas sobre Deus e sobre a religião, tal como destacam Raeper e Smith (1997). Mircea Eliade (1999) opina que a obra teve grande impacto nos estudos da ciência da religião de Max Müller¹⁰, Tiele, Saussaye, e, (em menor escala), de Joachim Wach¹¹.

Essa efervescência científico/intelectual do século XIX, marcada pelo positivismo comtiano, pelo ateísmo *científico* e pelo evolucionismo darwiniano

¹⁰ Deve-se ressaltar, entretanto, que *Essays in comparative mythology* (Ensaio em mitologia comparada) foi escrito três anos antes de *A origem das espécies*. Em determinados casos, o que operava nas pesquisas era o etnocentrismo, e não o que posteriormente foi chamado de darwinismo social. A partir da teoria da evolução biológica de Darwin surgiram teorias de evolução histórica e social (JORGE, 1998). Também nesse sentido, destaca Eliade (1999), os estudos dos elementos comuns das religiões diversas objetivaram encontrar as leis de evolução da religião e outros elementos que possibilitaram precisar a forma da primeira religião.

¹¹ Deve-se frisar, entretanto, que a força com que a teoria evolucionista atingiu as demais áreas do conhecimento é de total responsabilidade dessas áreas, uma vez que Darwin sempre se recusou a estender seus estudos a outros domínios da ciência que não fosse o da biologia (GOUVÊA, 2008).

influenciou as questões epistemológicas dos estudos acadêmicos da religião. No próximo item identificaremos essas influências nos conceitos, teorias, métodos e pressupostos dos fundadores da Ciência da Religião como disciplina acadêmica no século XIX.

3. Institucionalização da Ciência da Religião

Como lembra Mircea Eliade (1999), a ciência da religião foi reconhecida e institucionalizada academicamente na Europa a partir da segunda metade do século XIX. O alemão Friedrich Max Müller (1823-1900), indólogo e professor da Universidade de Oxford foi o precursor, seguido pelos demais fundadores, os holandeses Cornelis Petrus Tiele (1830-1902), Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1848-1920), e, no início do século XX, o alemão de origem judaica, Joachim Wach (1898-1955). A atual tradição de estudos sobre a origem da disciplina assegura que esses foram os autores que se destacaram na formulação dos principais conceitos, teorias, métodos e pressupostos epistemológicos que norteiam os estudos científicos da religião em nossa disciplina. Vejamos, inicialmente, algumas das contribuições ao debate epistemológico desses autores, não sendo o nosso objetivo uma apresentação exaustiva e detalhada sobre a sua produção intelectual¹².

3.1 Contribuições ao debate epistemológico

Iniciemos por Max Müller (1901) que foi, segundo Ries (2019), herdeiro da filosofia de Johann Friedrich Herbart sobre a importância da análise e disposição dos conceitos, autor que considerou como de grande importância o caráter histórico e etimológico da significação das palavras no processo de formação das religiões.

Max Müller, considerado o pioneiro da disciplina *Religionswissenschaft*, foi um dos primeiros autores a aplicar o evolucionismo histórico em suas pesquisas sobre a religião. O indólogo partiu do pressuposto de que havia uma forma elementar de religião que evoluiu e produziu as grandes religiões mundiais. Para Müller, a religião surgiu de elementos radicais presentes na linguagem, os quais foram disseminados em todas as formas de religião. Esses elementos são, por exemplo, a “intuição de Deus, o senso de fraqueza e dependência humana, uma crença em um governo divino do mundo, uma distinção entre bem e mal, e a

¹² Também aqui ressaltamos que o objetivo do presente trabalho está focado em apresentar uma visão panorâmica e circunstanciada da formação da disciplina.

esperança de uma vida melhor” (MÜLLER, 1867, p. 4, tradução nossa)¹³. Para o autor, as religiões surgiram das diversas formas de linguagem e das esferas linguísticas utilizadas para expressar a compreensão da transcendência e das ações humanas relacionadas a essa transcendência.

Como destacam Abraham e Hancock (2018), Müller considerava que o caminho a ser percorrido nos estudos da religião iniciava com a análise da origem e do desenvolvimento do pensamento humano através do estudo da linguagem. A partir dessa compreensão, Müller buscou na tradução do *Rig-Veda*, e da elaboração de estudos comparativos filológico-mitológicos das religiões da Índia, Irã, Grécia, Roma e da Alemanha, lançar nova luz sobre a questão da origem das religiões, bem como ampliar a compreensão das teorias mitológicas e religiosas.

Destacamos na sequência o holandês Cornelis Petrus Tiele (1877), que definiu a religião como a relação entre ser humano e os poderes sobrenaturais nos quais se acredita; o “conjunto de todos os fenômenos que são invariavelmente denominados como religiosos em contradição com a ética política estética e outras” (TIELE, 1896, p. 4, tradução nossa)¹⁴. O autor compreende a religião como um “fenômeno histórico-psicológico social e totalmente humano, indubitavelmente, pertencente ao domínio da ciência” (TIELE, 1896, p. 5, tradução nossa)¹⁵. A partir dessa compreensão sobre a religião, Tiele (1896) define disciplina ciência da religião como uma disciplina autônoma e alicerçada na compreensão e na metodologia científica.

Cornelis Petrus Tiele desenvolveu os seus estudos sobre a religião sob a influência da teoria evolucionista, mas sua compreensão diferia em parte da compreensão de Müller. Tiele (1877) considerava que havia elementos comuns nas religiões. No entanto, em sua compreensão, essas similaridades não determinavam se as religiões surgiram a partir de uma religião inicial ou do compartilhamento de fontes independentes.

Um terceiro autor a ser destacado é Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye. O também holandês foi o primeiro a utilizar o termo fenomenologia

¹³ An intuition of God, the sense of human weakness and dependence, a belief in a Divine government of the world, a distinction between good and evil, and the hope of a better life.

¹⁴ The aggregate of all those phenomena which are invariably termed religious, in contradistinction to ethical, aesthetical, political, and others.

¹⁵ The task of investigating religion as a historical-psychological, social, and wholly human phenomenon undoubtedly belongs to the domain of science.

da religião¹⁶, destaca James (2017). Para Saussaye (1891), a fenomenologia da religião está conectada à psicologia, e lida com os fatos da consciência humana. Ele considera que “os estados e sentimentos religiosos são as causas e forças eficientes dos fenômenos externos da vida religiosa” (SAUSSAYE, 1891, p. 67, tradução nossa)¹⁷. Nessa compreensão, o autor compreende que as formas externas da religião são explicadas por processos internos, uma vez que todo ato religioso é precedido pelo pensamento.

Por último, temos a contribuição de Joachim Wach, que partiu do princípio de que a ciência da religião é uma ciência descritiva cujas leis e unidades são encontradas na análise empírica da experiência religiosa, e cuja finalidade é a compreensão da natureza da religião.

De modo mais abrangente que os outros fundadores, Wach (1990) considerou que a religião se expressa de três modos: 1) teórico: por meio de suas doutrinas e símbolos; 2) prático: através do culto ou adoração; 3) sociológico: pelo fato da religião ser naturalmente sustentada no relacionamento social. Quanto a esse último ponto, Wach (1988) partiu do pressuposto de que a religião é uma das muitas atividades culturais humanas. Portanto, a religião é condicionada pela natureza, atmosfera e dinâmica da sociedade na qual se insere. Desse modo, o autor compreende que a pesquisa sociológica da religião está relacionada à coesão, desenvolvimento e dinâmica do grupo social.

Joachim Wach discordou da posição evolucionista de Müller. Fundamentalmente, essa posição decorre da observação de que várias religiões se desenvolveram simultaneamente. Para ele a evolução da religião não ocorre a partir de estágios de desenvolvimento de uma única religião básica, e sim da conexão das formas religiosas com seus pontos centrais (WACH, 2018).

Ressaltamos, em linhas gerais, que o reconhecimento da multiplicidade de abordagens do fenômeno religioso, o acúmulo do conhecimento histórico sobre as religiões somado à colaboração teórica de seus fundadores e a cientificidade de seus métodos, tornou a ciência da religião uma disciplina acadêmica autônoma no contexto das ciências humanas. Quanto à sua distinção em relação à teologia, evidenciamos que ambas disciplinas são

¹⁶ Contudo, de acordo com Pieper (2019), o termo fenomenologia já era empregado desde a segunda metade do século XVIII. Na Alemanha ele designava as leis dos fenômenos, e na Inglaterra era empregado como descrição e classificação de dados a partir de características observáveis.

¹⁷ The religious states and sentiments are the efficient causes and forces of the external phenomena of religious Life.

reconhecidas pelos fundadores como distintas quanto aos objetos de pesquisa, embora possam interagir conforme as necessidades da pesquisa. A teologia é uma disciplina normativa que busca estudar, explicar, justificar e purificar uma forma de religião, ao passo em que a ciência da religião é uma disciplina que se aplica aos estudos da religião do domínio da ciência, destaca-se a partir de Tiele (1896). Ainda quanto a essa particular diferenciação, Chantepie de la Saussaye (1891) considerou que o objetivo da ciência da religião consiste na divisão filosófica e histórica dos estudos das religiões, de sua essência e manifestação. Por sua vez, Joachim Wach (2018) considera que o objetivo da ciência da religião é o estudo empírico e sistemático das religiões, sendo o primeiro o que analisa e reconstrói o desenvolvimento e o status de religiões singulares, e, o segundo, a investigação sistemática das religiões, abordagem dos aspectos teóricos e estruturação dos dados empíricos.

3.2 Contribuições metodológicas

Dentre as inúmeras contribuições dos fundadores para o estabelecimento da cientificidade nos estudos da religião, há de se evidenciar a atenção dada às *questões metodológicas*, tendo em vista que são os métodos que “constroem, reúnem e/ou geram os dados da pesquisa científica” (ENGLER; STAUSBERG, 2011, p. 64). Sob tal perspectiva contemporânea, os métodos cumprem o papel de mediadores entre a teoria e os dados de uma pesquisa e representam, na perspectiva de Kienitz (2013), o conjunto de regras formuladas para identificar evidências empíricas e mensuráveis.

Consideradas as contribuições relativas às questões metodológicas, duas delas foram introduzidas por Max Müller e podem ser reconhecidas como as que deram início propriamente aos estudos científicos da religião, afirma Pettazzoni (2016). A primeira foi a utilização do método lexicográfico, que consistia na tradução de palavra por palavra do *Rig-Veda*; na extração de seus significados, e na construção de uma compreensão da relação entre o fiel e a divindade. A segunda questão metodológica introduzida pelo indólogo alemão foi a utilização do método histórico-comparativo¹⁸, particularmente aquele expresso em seu ensaio *Comparative mythology* (MULLER, 1902).

¹⁸ Filoramo e Prandi (1999), assim como Hock (2010) destacam que, a esse respeito, o método comparativo consistia em nomear, classificar, reagrupar e ordenar os fatos religiosos visando acessar os elementos genéricos das religiões. Para mais dados sobre as diversas formas de pesquisas comparativas, sugerimos a leitura do capítulo IV, *Aproximações sistemáticas e fenomenológicas*, item 5, *A comparação histórico-religiosa*, (HOCK, 2010).

De modo específico, para Burnouf (1870), o método comparativo de Müller se configurou a partir de uma nova compreensão epistemológica dos estudos da religião e consistia empiricamente na análise comparativa de fatos, rituais, compreensões sobre o transcendente nas religiões antigas e elementos que promoveriam o reconhecimento histórico das práticas religiosas. Müller (1873) considerou que a utilização do método comparativo promoveria uma nova compreensão e avaliação axiológica das religiões consideradas até então como *primitivas* ou *arcaicas*.

A contribuição metodológica de Tiele, por sua vez, está relacionada à sua proposta de nomenclatura para a disciplina ciência da religião, ou seja, a *hierologia*, que seria dividida em três disciplinas: 1) hierografia: que estuda as religiões particulares; 2) história das religiões: que estuda as transformações e o desenvolvimento das religiões; 3) história da religião: que demonstra o desenvolvimento da religião entre os povos (TIELE, 1877). Além dessa proposta, Tiele buscou um método próprio para a ciência da religião, partindo da compreensão de que o método da ciência natural e o método histórico não teriam aplicabilidade e nem seriam suficientes pra entender, investigar e explicar o que é a religião e a causa do indivíduo ser religioso (TIELE, 1896). Desse modo, o autor propôs que, além do cientista da religião pautar suas pesquisas pela cientificidade e isenção, deve observar uma série de procedimentos metodológicos: 1) a pessoa pesquisadora deve realizar suas investigações em fontes originais; 2) deve considerar, como fontes de pesquisa, os fenômenos, concepções, doutrinas religiosas, hinos, provérbios, livros da lei, confissões de fé, prédicas, profecias, observâncias e ordenanças que constituem o culto e o indivíduo religioso de vertente coletiva ou individualista¹⁹; 3) julgar, comparar, classificar as diversas comunidades religiosas conforme seu desenvolvimento; 4) criticar os fatos religiosos e determinar se eles pertencem a outros domínios e fenômenos patológicos; 5) assumir uma posição isenta (sem juízo de valor) e objetiva diante de todas as formas de manifestação religiosa, considerando-as como objeto de investigação (TIELE, 1896). Em sua tarefa investigativa, o pesquisador da religião deve contar com as contribuições de ciências que sejam correlacionadas e complementares aos estudos da religião, como a Antropologia, Sociologia, História, Filosofia, Psicologia e outras ciências que corroborem na apreensão da origem e da natureza da religião. Entretanto,

¹⁹ Tiele (1896) critica o fato de que cientistas da religião baseiem suas análises apenas por intermédio de pesquisas bibliográficas.

cumpra ao cientista da religião ser “o mestre do material com o qual ele tem que trabalhar, embora outros tenham descoberto isso para ele” (TIELE, 1896, p. 19, tradução nossa)²⁰.

Chantepie de la Saussaye (1891), assim como os demais fundadores, considerou que a ciência da religião deveria desenvolver seu próprio método a partir da especificidade e da diferenciação de seu objeto de pesquisa em relação às outras disciplinas²¹. Entretanto, para o autor, o que possibilitou o desenvolvimento de uma ciência específica no estudo e compreensão do fenômeno religioso foi a análise da religião sob perspectivas antropológicas, filosóficas, culturais e metodológicas de outras ciências, o que obriga o cientista da religião a desenvolver ações de colaboração com outras disciplinas. Uma proposta metodológica significativa de Saussaye (1891) diz respeito à coleta de dados da pesquisa. O autor propõe que os dados da pesquisa não sejam concentrados exclusivamente nas produções literárias dos estratos mais altos dos povos, mas também no indivíduo simples, com suas práticas religiosas, costumes, consciência religiosa, superstições e forma de cultura.

A contribuição metodológica mais importante de Saussaye diz respeito à fenomenologia da religião. Em sua compreensão, a fenomenologia da religião está ligada à psicologia, tendo em vista que lida com os fatos da consciência humana. Em virtude disso, os processos internos explicariam até mesmo as formas exteriores da religião igualando-as aos demais processos da atividade humana. Ele propõe que a análise fenomenológica se baseie na análise dos rituais religiosos, cultos e costumes, que apesar de serem atos externos, assimilados e combinados com elementos da cultura, são precedidos de atos internos como pensamentos, impressões, sentimentos e estados religiosos (SAUSSAYE, 1891)

Joachim Wach, nessa sequência de autores destacados como clássicos da disciplina, teve seus estudos marcados pela preocupação com a determinação empírica da disciplina (WACH, 2018) e com a preocupação da base metodológica dos estudos da religião (QUADROS, 2010). Em virtude disso, ele propôs a divisão metodológica dos estudos da religião em dois ramos: 1), o ramo dos estudos empíricos da religião, que consiste na análise do *fazer* das religiões, e do estudo do “desenvolvimento contínuo da religião empiricamente observável” (WACH, 2018, p. 237), buscando a compreensão e apresentação do desenvolvimento das religiões.; 2) o ramo

²⁰ Master of the material with which he has to work, although others have discovered it for him.

²¹ Saussaye não desenvolveu a questão do método específico da ciência da religião.

dos estudos sistemáticos da religião (WACH, 2018) que tem a tarefa de produzir generalizações e estruturação de dados a partir da colaboração dos estudos fenomenológicos, comparativos, sociológicos, psicológicos e outros estudos de religião. Apesar da divisão metodológica “necessária e distinta do empírico/histórico e do sistemático” (WACH, 2018, p. 243) em dois ramos distintos, ele considera que na formulação dos estudos empíricos há a necessidade de determinados conhecimentos fornecidos pelos estudos sistemáticos (WACH, 2018).

Deve-se salientar que um dos aspectos metodológicos observados pelos clássicos da ciência da religião foi estabelecer uma taxonomia própria da disciplina para a classificação das religiões.

Max Müller (1873), por exemplo, considerou a classificação das religiões uma condição vital para a o reconhecimento científico da ciência da religião, tendo classificado as religiões com a mesma divisão dos estudos da linguagem. Segundo Wach (2018), Tiele e Saussaye utilizaram duas classificações em suas análises: 1) a classificação genealógica; 2) a classificação morfológica. Wach (2018) apresentou, por sua vez, as cinco linhas de classificações em uso no seu tempo: 1) classificação formal e empírico-sistemática; 2) classificação por localização; 3) classificação cronológica; 4) classificação por julgamento de valor; 5) classificação descritiva. Entretanto, Wach considerou a impossibilidade da utilização das classificações valorativas, e que apenas a classificação descritiva possuía um embasamento lógico adequado. Assim, o cientista da religião alemão dividiu as classificações descritivas em quatro: 1) formalmente objetivas: dividem as religiões entre *mitológicas e dogmáticas; nacionais e globais; baseadas em escrituras e baseadas na oralidade*; 2) formalmente subjetivas: caracterizadas por *religiões de sentimento e religiões de vontade*; 3) objetivas com relação ao conteúdo: religiões *ascéticas e soteriológicas ou proféticas e reveladas*; 4) subjetivas em relação ao conteúdo: religiões *alegres e melancólicas*.

Com relação à sociologia da religião, uma conduta metodológica observada por Wach diz respeito à divisão do trabalho colaborativo, que pode ser considerada “uma abordagem articulada entre as ciências humanas para o fenômeno religioso” (BECKER, 2010, p. 83-84). A proposta dessa conduta é a análise das interações entre os estudos empíricos das relações da religião e seu contexto mais amplo e os aspectos sistemáticos que estabelecerão a conclusão dessas interações. A metodologia empregada recomenda que a pesquisa sociológica desenvolva o aspecto da pesquisa relacionado à sociedade, à política e às formas de governo, enquanto a pesquisa sobre religião, auxiliada

pela filologia, arqueologia e teologia desenvolva os outros aspectos (WACH, 1990). Para essa tarefa, Wach apresentou algumas propostas metodológicas, a saber: 1) a sociologia da religião deverá “considerar as várias formas de sociedades religiosamente determinadas [...] deverá identificar categorias como igreja, seita, escola, ordem e associação, e deve ilustrar essas categorias com dados do estudo empírico das religiões” (WACH, 2018, p. 250); 2) a partir dessa análise empírica da religião, deverá estudar as forças sociais, os poderes e as relações nas religiões e sua influência nas atividades sociais e organização da sociedade; 3) não deverá se ocupar dos estudos das relações entre a religião e a economia, que Wach considera pertinentes à filosofia da religião; 4) não deverá adotar uma atitude normativa, procedendo dessa forma sua investigação das relações entre religião, Estado, classes, etc.; 5) a pessoa que realiza pesquisa em sociologia da religião deverá sentir afinidade e possuir a qualificação necessária para interpretar seu tema (WACH, 1990).

3.3 Pressupostos para a disciplina ciência da religião

Uma contribuição vital dos autores clássicos da disciplina diz respeito à questão dos seus pressupostos. A construção da disciplina ciência da religião passou necessariamente pelo abandono dos pressupostos teológicos e filosóficos, e pelo desenvolvimento de uma nova forma de pensar os estudos da religião (USARSKI, 2006). Dessa forma, os fundadores da ciência da religião compreenderam os pressupostos como provisórios, explicitados e abertos à reavaliação e aperfeiçoamento (MATA, 2010). Destacamos três pressupostos que garantiram a cientificidade dos estudos da religião, os quais corroboraram para o reconhecimento acadêmico e a institucionalização da disciplina na Europa, a saber: 1) a interdisciplinaridade; 2) a imparcialidade ou neutralidade axiológica; 3) o agnosticismo/ateísmo metodológico.

3.3.1 Interdisciplinaridade

O primeiro pressuposto, da interdisciplinaridade, é que garante à ciência da religião a capacidade de ter “algo a dizer e algo a ouvir de todas as outras áreas” (SOUZA, 2019). Nenhum dos clássicos da disciplina conheceu o termo *interdisciplinaridade*, mas podemos identificar que todos mantiveram posturas teóricas e metodológicas de cunho interdisciplinar. O termo *interdisciplinaridade* foi desenvolvido na França por Georges Gusdorf (1967) a partir da crítica dos efeitos da fragmentação do conhecimento na formação acadêmica. Em suas considerações ele afirmou que “o especialista acessa apenas a visão geral

[...] no limite de seu campo [...] nada em sua experiência pessoal o prepara para ir além” (GUSDORF, 1967, p. 45).²² Em virtude dessas questões o pensador francês criou o primeiro “projeto de pesquisa interdisciplinar nas ciências humanas” (GUSDORF, 1967, p. 38, tradução nossa),²³ visando à criação de uma inteligência e imaginação disciplinares²⁴.

Extemporaneamente, a questão interdisciplinar pode ser antevista na gênese da ciência da religião, considerando, ao seu modo, a proposição da necessária confluência de disciplinas como a história da religião, filosofia da religião, ciência da linguagem, filologia, ciências sociais e teologia. A ciência da religião se desenvolveu e se consolidou nesse contexto de cooperação, o que podemos definir como um ambiente *proto interdisciplinar* onde se observa, entretanto, que nem sempre as interações visavam especificamente o estudo acadêmico da religião.

Max Müller (1867) foi o responsável pela aplicação desse ambiente *proto interdisciplinar* na ciência da religião. Tomando de empréstimo suas considerações sobre a ciência da linguagem, o autor afirmou a necessidade de uma divisão do trabalho científico entre áreas distintas.

Para Cornelis Petrus Tiele (1896), tal divisão do trabalho científico correspondeu ao empréstimo teórico de outras ciências na construção da compreensão da natureza e da origem da religião.

Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1891) considerou que a análise da religião e a explicação dos processos internos do sentimento religioso demandavam a análise de outras ciências como a psicologia e a filosofia, além de colaborações fenomenológicas, antropológicas e culturais, o que necessariamente implicaria esforços de outras ciências.

Joachim Wach ampliou a compreensão de *divisão do trabalho* para *trabalho conjunto*. Sua proposta era que “os estudiosos da religião e da filosofia como também os das ciências sociais se reunissem em conjunto, a intervalos periódicos, para estimulação recíproca, contribuindo cada um deles para o

²² Le spécialiste n'accède aux vues d'ensemble [...] aux confins de son domaine. Dans son expérience personnelle, ne le prépare à aller plus loin.

²³ Projet recherche interdisciplinaire dans les sciences humaines.

²⁴ A pesquisadora Tatiane Almeida, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, desenvolve uma pesquisa relacionada à interdisciplinaridade nas Ciências da Religião com o título: “Ciências da Religião no Brasil: estudo analítico-comparativo sobre o perfil teórico-metodológico das propostas pedagógicas dos programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil (2017-2020) a partir das noções de disciplinaridade e interdisciplinaridade”. Veja-se ainda em Almeida (2020).

desenvolvimento de sociologia da religião a partir das dimensões dos seus próprios estudos” (WACH, 1990, p. 22)²⁵.

3.3.2 *Ideal de imparcialidade*

O segundo pressuposto estabelecido pelos fundadores diz respeito ao ideal da imparcialidade e neutralidade. Trata-se de uma postura epistemológica, uma competência caracterizada pela isenção, distanciamento e suspensão de crenças e juízos da pessoa pesquisadora diante das pretensões de verdade e em relação ao objeto de pesquisa.

Max Müller considerou que o estudo científico da religião produziria nova compreensão e postura diante das religiões consideradas como *primitivas* ou *arcaicas* (MÜLLER, 1867). A partir dessa nova compreensão, a pessoa pesquisadora assumiria uma postura epistemológica imparcial na análise de seu objeto de pesquisa (MÜLLER, 1873).

Por sua vez, Tiele (1896) considerou que as religiões deveriam ser tratadas como objetos de investigação, e que não caberia à disciplina investigar, afirmar ou refutar a validade axiológica de seu objeto de investigação.

Perfilado às considerações de seus colegas, Joachim Wach afirmou que “a ciência da religião não se preocupa com o fato de uma determinada religião ter sido útil ou prejudicial à cultura de um povo. Ele simplesmente registra os efeitos reconhecíveis e tira suas conclusões deles” (WACH, 2018, p. 249). O mesmo pressuposto é aplicado por ele à sociologia da religião, quando afirma que “o estudo das implicações sociológicas da religião exige abordagem imparcial e objetiva, com os fatos estudados sem preconceitos” (WACH, 1990, p. 19).

3.3.3 *Agnosticismo e ateísmo metodológico*

O terceiro pressuposto, responsável pela delimitação das bases investigativas e justificação da cientificidade da ciência da religião, é o pressuposto do agnosticismo e do ateísmo metodológico. O agnosticismo se relaciona à questão do reconhecimento das limitações das ferramentas críticas de análise para a justificação ou refutação da divindade, enquanto o ateísmo

²⁵ Deve-se considerar que a interdisciplinaridade contribuiu para o desenvolvimento teórico/epistemológico da ciência da religião, na medida em que posições evolucionistas, comparativas e apologéticas foram abandonadas através das discussões interdisciplinares sobre os fundamentos e métodos da ciência da religião nas décadas que se seguiram à fase formativa da disciplina (HOCK, 2010).

metodológico está relacionado à negação da possibilidade de existência da divindade (SHEEDY, 2016). No caso dos fundadores, a utilização de agnosticismo metodológico faz mais sentido, já que não há explicitamente a negação da divindade por parte deles.

É perceptível o agnosticismo metodológico na teoria de Müller (1873) quando ele desconsidera as classificações das religiões em critérios que pressupõe autoridade, revelação, verdade, idolatria, politeísmo, dualismo, monoteísmo e outros critérios que considerem a relação da crença com a divindade adorada, e outras classificações efetuadas por critérios ditos como *espirituais* ou *transcendentes*.

Do mesmo modo, Tiele (1896) compreendeu que a religião, sendo um fenômeno histórico, psicológico e social humano, pertencia ao domínio da ciência. Portanto, o estudo da religião era uma investigação das crenças *no* sobre-humano, e não uma investigação *do* sobre-humano. A partir desse pressuposto, a investigação e a compreensão do fenômeno religioso se tornam questões de ordem social, filosófica, histórica e psicológica que independem da confirmação ou refutação da transcendência.

Wach (1988), assim como Müller, considerou que a Ciência da Religião não poderia se ater às classificações das religiões a partir de juízos valorativos de transcendência como *verdadeiras* e *falsas*, *naturais* e *reveladas*, pois a religião é uma atividade cultural e social humana, e é dessa forma que os estudos da religião devem ser dirigidos (WACH, 1990).

Essas foram algumas das principais contribuições dos fundadores da ciência da religião na formação e estruturação de uma disciplina autônoma de estudos da religião a partir de elementos conceituais, teóricos e metodológicos construídos sobre o rigor de pressupostos científicos.

Considerações Finais

A disciplina ciência da religião não surge ao acaso dos interesses acadêmicos de sua época. Trata-se de um fruto amadurecido ao longo dos séculos. Um conjunto de transformações sociais e culturais favoreceram o surgimento das condições de sua aparição no cenário acadêmico. Significativos esforços no campo da pesquisa sobre religiões, motivadas pelo processo de exploração colonialista das metrópoles europeias ofereceram o material para que a disciplina se organizasse a partir da segunda metade do século XIX. O presente artigo, partiu do reconhecimento sobre o processo de constituição da disciplina ciência da religião, pontuou as transformações, eventos e produções

intelectuais que tornaram possível o surgimento da disciplina. Tomando como foco o período de constituição da ciência da religião nas universidades europeias, o trabalho apresentou o que considera as principais contribuições dos autores clássicos da disciplina.

Oportuno é reconhecer criticamente, para além dos pressupostos e contribuições de um tempo inaugural, as marcas do passado, suas possibilidades e limites. Os desdobramentos da disciplina ao longo do século XX e os desafios do emergente século não estavam no horizonte dessa abordagem. Contudo, certamente, o diálogo com essa nossa história se apresenta como um capítulo em relação ao qual não podemos nos manter indiferentes. Não se constitui um campo disciplinar sem o reconhecimento de que toda ciência e seus pressupostos têm história e de que todo debate teórico metodológico seja também um debate político-acadêmico.

Referências

ABRAHAM, Sara; HANCOCK, **Brannon**. **Biography**. Disponível em: <<https://www.giffordlectures.org/lecturers/friedrich-max-m%C3%BCller>>. Acesso em 25 fev. 2021.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz. **A secularização do ocidente: o declínio e o reavivamento da religião na modernidade e seus reflexos no Brasil**. 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

ALMEIDA, Tatiane Aparecida de. Disciplinaridade e interdisciplinaridade: um debate contemporâneo para as ciências da religião. In: SENRA, Flávio; CAMPOS Fabiano Victor; ALMEIDA, Tatiane. (org.). **A epistemologia das ciências da religião: pressupostos, questões e desafios**. 1. ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2020. p. 117-129.

BECKER, Michael. **Ensino religioso entre catequese e ciências da religião: uma avaliação comparativa da formação dos professores do ensino religioso no Brasil e da aprendizagem interreligiosa na Alemanha em busca de um ensino religioso interteológico e interdisciplinar**. 2010. 328f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 55, p. 13-42, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279509684_HISTORIA_DAS_RELIGIOES_CONCEITOS_E_DEBATES_NA_ERA_CONTEMPORANEA>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 2012.

BOPP, Franz. **A Comparative Grammar of the Sanskrit, Zend, Greek, Latin, Lithuanian, Gothic, German, and Slavonic Languages**. 4. ed. Londres: Willians and Norgate, 1885.

BORGES, Ângela. Cristina.; SENRA, Flávio. Epistemologias marginais: Ciências da Religião em perspectiva descolonizadora e intercultural. **Reflexão**, v. 45, e204909, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4909>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BURNOUF, Émile-Louis. **La science des religions**. Paris: Maisonneuve etc Libraires-Editeurs, 1870. Disponível em : < https://archive.org/stream/bub_gb_2NY4eF-0nkgC/bub_gb_2NY4eF-0nkgC_djvu.txt>. Acesso em: 25 fev. 2021.

COMTE, Augusto. **Princípios de Filosofia positiva**. Santiago: Imprensa de la Librería del Mercurio, 1875.

CORBÍ, Marià. **Projectos colectivos para sociedades dinâmicas. Princípios de epistemologia axiológica**. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**: através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência. Leça da Palmeira: Planeta Vivo, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael (ed.). **The Routledge handbook of research methods in the study of religion**. New York: Routledge – Taylor & Francis Group, 2011.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Estudos sobre o desenvolvimento humano no século XIX: da biologia à psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, Lisboa, v. 38, n. 134, p. 535-557, 2008. Disponível em : < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742008000200013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GUSDORF, Georges. **Les sciences de l'homme est des sciences humaines**. Paris: Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg, 1967.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

HUME, David. **História natural da religião**. São Paulo: UNESP, 2004.

JAMES, George Alfred. **Interpreting religion: The Phenomenological Approaches of Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye, W. Brede Kristensen, and Gerardus van der Leeuw**. Washington, D. C. Aquiline Books/UNT, 2017. Disponível em: <https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc948101/m2/1/high_res_d/Box1_Interpreting_Religion.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

JORGE, Simões. **Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

KIENITZ, Karl Heinz. **A história do conflito entre religião e ciência**. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Fé e Ciência para o Século XXI, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 14-15 de maio de 2013.

KUHN, Thomas. **The Structure of Scientific Revolutions**. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996. Disponível em:<<https://archive.org/details/ThomasS.KuhnTheStructureOfScientificRevolutions>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

- LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do cristianismo**: Volume II. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LEPARGNEUR, Hubert. **A secularização**. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- MATA, Sérgio. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010.
- MÜLLER, Max. **Chips from a german workshop**. Vol I. Essays on the science of religion. New York, Charles Scribner And Company, 1867.
- MÜLLER, Max. **My autobiography**: a fragment. New York, Charles Scribner's Sons, 1901.
- MÜLLER, Georgina Adelaide. **The life and letters of the Honorable Friedrich Max Müller**: edited by his wife. Londres: Longmans, Green, and Co., 1902.
- MÜLLER, Friedrich Max. **Introduction to the Science of Religion**: four lectures delivered at the Royal Institute in February and May 1870. Oxford: Longmans, Greens and Company, 1873.
- MÜLLER, Friedrich. **Comparative Mythology an essay**. Londres: George Routledge and Sons; New York: E. P. Dutton and Co. 1909.
- PEREIRA, Pedro. Uma viagem retrospectiva à antropologia da religião. **Revista de Antropologia Experimental**, Jaén, n. 16, p. 263-284, 2016. Disponível em: <<http://revistaselectronicas.ujaeen.es/index.php/rae>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- PETTAZZONI, Raffaele. O método comparativo. **Religare**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 245-265, jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/32072>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- PIEPER, Frederico. Fenomenologia da religião como essencialista e criptoteologia: reconsiderações críticas. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 801-831, mai, 2019. Disponível em: <<http://200.229.32.43/index.php/horizonte/article/view/20388>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- QUADROS, Eduardo Gusmão. Um Projeto Hermenêutico de história das religiões: Mircea Eliade, Joachim Wach e a criação da escola de Chicago. **História Revista**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 457-460, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/14126>>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- RAEPER, Willian; SMITH, Linda. **Introdução ao estudo das ideias**: religião e Filosofia no passado e no presente. São Paulo: Edições Loyola, 1997
- REGO, Luiz Felipe Urbiet. **Orientalismo e suas implicações nos estudos históricos dos Cristianismos Orientais**. Disponível em: <https://www.academia.edu/32174185/Orientalismo_e_suas_implica%C3%A7%C3%B5es_nos_estudos_hist%C3%B3ricos_dos_Cristianismos_Orientais>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- RIES, Julien. **A ciência das religiões**: história, historiografia, problemas e método. Petrópolis: Vozes, 2019.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. Joachim Wach e a ciência da religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (org.). **A religião numa sociedade em transformação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 72-90.
- ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência** Vol. I: da antiguidade ao renascimento científico. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012a.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência** Vol. II, Tomo I: a Ciência moderna. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012b.

RUSSEL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**: livro III. Tradução de Hugo Langone. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAUSSAYE, Pierre Daniel Chantepie, **Manual of the science of religion**. London: Longmans, Green and Company, 1891. Disponível em: <<https://archive.org/details/manualofscience00chan>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SHEEDY, Matt. **Ateísmo metodológico vs. Agnosticismo metodológico**. São Paulo, Último Andar, n. 29, 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/31329>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVA, Maurílio Ribeiro. **Secularização à brasileira**: uma investigação sobre o estado da arte da discussão sobre a secularização a partir das teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil de 1978 a 2012. 2016. 152f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016a.

SILVA, Maurílio Ribeiro. Vertente socioantropológica da secularização. **Plura**, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 303-317, 2016b. Disponível em: <<https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1160>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SOUZA, Humberto Araújo Quaglio. Ciência da religião, academia e secularização. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.16, n. 1, p. 406-418, jan-jun, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/28846>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

STRENGER, Irineu. **História da Filosofia**. São Paulo: LTr, 1998.

TIELE, Cornelis Petrus. **Elements of the science of religion**. Edimburg and London: Willian Blackwood and song, 1896.

TIELE, Cornelis Petrus. **Outlines of history of religion**: to the spread of the universal religions. London: Trübner & Company; Ludgate Hill, 1877.

USARSKI, Frank. História da ciência da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulus, 2013. Parte I, p. 51-61.

USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.

WACH, Joachim. **Essays in the history of religions**. New York: Ted & Winnie Brock, 1988.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WACH, Joachim. Os ramos da ciência da religião. Tradução de Fábio L. Stern. **Rever**, v. 18, n. 2, maio/ago 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/39068/26466>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, FRANK (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus/ Paulinas, 2013.

Submetido em: 25-2-2021

Aceito em: 26--11-2021